

## **FRAGMENTOS DA MEMÓRIA; O HISTORIADOR E OS ARQUIVOS PESSOAIS**

Carlos Alberto Nogueira Diniz (Mestrando em História UNESP-Assis)  
Orientador: Wilton Carlos Lima da Silva

### **RESUMO**

Nesse texto pretendo fazer uma reflexão sobre o trabalho do historiador a partir de arquivos pessoais. A procura por arquivos pessoais em museus, centros de documentação e universidades têm aumentado nos últimos anos, isso se deve tanto a novas perspectivas teóricas que tendem a valorizar o papel do sujeito na história como também a maior disposição de acervos dedicados a um indivíduo. Mas o historiador ao se deparar com determinada documentação encontra também inúmeros desafios que vão desde o processo de formação do acervo à interpretação dos fragmentos e lacunas que costumam ser praxis nesses arquivos e em pesquisas que envolvam a questão da memória. A relação entre o historiador e seu objeto longe de idealizações pode ser entendida também como uma experiência histórica, já que o próprio historiador é um sujeito histórico. Nesse sentido ter como objeto de estudo a construção da memória de um operário é partilhar da experiência histórica desse indivíduo e daqueles que com ele conviveram.

Palavra chave; memória, história e arquivo

Os arquivos pessoais possuem como característica a preservação da memória de um indivíduo, mas é preciso lembrar que por mais documentado que seja um arquivo, ele sempre será composto por fragmentos e lacunas. A memória tem como característica a fragmentação e a história também, ou seja, o passado não pode ser representado como um todo e de forma definitiva.

”Os tempos dos lugares são esse momento preciso em que um imenso capital que vivíamos n intimidade de uma memória desaparece para viver apenas sob o olhar de uma história reconstituída ...Os lugares de memória são, antes de mais nada, restos. A forma extrema em que subsiste uma consciência comemorativa numa história que a convoca, pois a ignora. É a desritualização de nosso mundo que fez aparecer a noção...Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, averbações, monumentos, santuários, associações, são os remanescentes testemunhos de uma outra era, ilusões de eternidade. Daí o aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais. São rituais de uma sociedade sem ritual...signos de reconhecimento e de pertença de grupo numa sociedade tende a reconhecer tão-somente indivíduos iguais e idênticos”<sup>1</sup>

A simples escolha do personagem a ser lembrado e o que deve ser lembrado já se constitui como um elemento de fragmentação da memória e do passado. Mas é preciso dizer que nos silêncios, nas lacunas e nas escolhas feitas pelos organizadores dos arquivos também se encontram os discursos que prevalecem e são esquecidos no processo de constituição da memória.

A história seja ela dos vencedores ou dos vencidos é feita de escolhas e portanto a relação do historiador como o arquivo pessoal também é constituída de escolhas e questões a serem respondidas.

---

<sup>1</sup> NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, dezembro de 1996, p.12.

A relação entre o historiador e o arquivo é condicionada por vários fatores; institucionais, políticos, técnicos e sobretudo metodológicos. Nesse sentido a pesquisa vai além da problemática que o historiador apresenta, mas esta ligada diretamente as relações estabelecidas tanto com as fontes como na busca e o acesso as mesmas.

O historiador quando elabora um projeto de pesquisa e estabelece objetivos para seu projeto de pesquisa na medida em que o trabalho avança pode se deparar com limitações e também com surpresas mesmo que já conheça parte do acervo. A relação do historiador com acervo é também marcada pela experiência concreta da pesquisa que vão, portanto submeter a escolhas e prioridades.

Os prazos cada vez mais curtos dos programas de pós-graduação também acabam influenciando no processo de pesquisa e na relação com as fontes e os arquivos, onde o historiador acaba por fazer recortes e estabelecer prioridades muitas em detrimento de um aprofundamento maior da pesquisa. A construção do conhecimento é dessa forma diretamente influenciada pelos prazos e exigências institucionais e nesse sentido a relação do historiador com suas fontes é também condicionada. Muitos trabalhos e pesquisas inseridos dentro da lógica acadêmica na qual também encontro-me incluído que privilegia cada vez mais os números e os prazos das publicações em detrimento da qualidade e da maturidade que exige a produção do conhecimento.

A militarização do campus universitário da USP e a solução de conflitos através da força atestam o “esquecimento da política”, substituída pela ideologia da competência, entendida segundo o modelo da gestão empresarial, com seu culto da eficiência e otimização de resultados...<sup>2</sup>

A especialização cada vez maior dos estudantes e a fragmentação dos objetos de pesquisa resultam muitas vezes de um

---

<sup>2</sup> MATOS, O. C. F. . Mal-estar na Universidade. Revista Carta Maior, São Paulo, 25 jun. 2009.

utilitarismo intelectual no qual a construção do conhecimento e o seu objeto não têm nenhuma ligação qualquer com o autor.

Professores e estudantes cedem precocemente a publicações, sem que haja nelas nada de relevante, e, ao mesmo tempo, devem freqüentar cursos ou prepará-los, realizar trabalhos correspondentes, desenvolver suas teses - uma vez que a quantidade consagra pontuações para futuras bolsas de iniciação científica ou aprovação de auxílios acadêmicos. Quanto aos docentes, estes se ocupam cada vez mais com tarefas de secretaria, como preenchimento de planilhas, elaboração de relatórios, propostas de inovação em cursos não obstante ainda em vias de implantação, acompanhamento de iniciação científica, organização desses congressos, participação em atividades de iniciativa discente, preenchimento de pareceres on line de um número crescente de bolsistas, e por aí vai...<sup>3</sup>

Gerações de estudantes em busca de obter rápida ascensão em suas carreiras acadêmicas optam por qualquer objeto de pesquisa desde que facilitem as relações com o “status quo” acadêmico e porque não com as agencias de fomento.

O comprometimento e a gratuidade é cada vez algo mais raro dentro do mundo acadêmico brasileiro e substituído sem cerimônias por um “pragmatismo cínico” com pretensão de cientificidade.

O abandono da Universidade Cultural e sua substituição pela “Universidade da Excelência” ou do “Conhecimento” dizem respeito à dissolução do papel filosófico e existencial da cultura. Constrangido à pressa e ao atarefamento diário, o ócio necessário à reflexão e à pesquisa é proscrito como inatividade, os improdutivos comprometendo o

---

<sup>3</sup> idem

princípio de rendimento geral. Este encontra-se na base da transformação do intelectual em especialista e da docência como vocação em docência como profissão. O saber técnico é o do expert que transmite conhecimentos sem experiência, cujo sentido intelectual e histórico lhe escapa. Assim como no processo produtivo a proletarização é perda dos objetos produzidos pelos produtores e perda do sentido da produção, a especialização pelo *know how* é proletarização do saber...<sup>4</sup>

Dentro desse cenário os resultados são repetições grosseiras de modelos historiográficos da “moda”, aplicações de referenciais teóricos totalmente estranhos ao objeto e a proposta de trabalho do historiador.

A falta de compromisso do historiador com seu objeto de estudo e sua omissão em relação a conjuntura social em vive, faz com que o resultado de sua pesquisa seja irrelevante tanto para ele e muito mais em relação aos seus pares. É um trabalho que cumpre com as exigências das instituições, mas ausente de problematizações que despertem inquietudes seja pela originalidade ou por sua ousadia e heterodoxia estética.

O acervo pessoal tem uma característica peculiar o cuidado, pois mesmo cedido a uma universidade ele faz parte de um legado familiar, afetivo e que necessita da sensibilidade por parte do pesquisador no seu trabalho e na utilização da documentação muitas vezes sujeitas ou não a autorização da família. Mas o cuidado não deve ser confundido com censura, romper com idealizações, desconstruir discursos e interpretar os silêncios é essencial para analisar a construção da memória de um personagem.

No livro “*A Fabricação do Imortal*”<sup>5</sup> de Regina Abreu, a autora procura mostrar como a memória de um personagem Miguel Calmon du Pin e

---

<sup>4</sup> MATOS, O. C. F. . Mal-estar na Universidade. Revista Carta Maior, São Paulo, 25 jun. 2009.

<sup>5</sup> ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco.1996.

Almeida é construída a partir da entrega de seu acervo pessoal por sua esposa Alice da Porciúncula Calmon du Pin e Almeida, ao Museu Histórico Nacional, em 1936, pois desde o início demonstra o desejo pela posteridade e portanto por um espaço de poder na memória coletiva nacional, através da organização e dos objetos escolhidos para o acervo é possível entender as parte das relações de poder estabelecidas por membro importante da elite política brasileira do início do século XX.

Os chamados “lugares da memória” segundo Nora não se resumem a documentação material das elites e de figuras importantes, mas se constitui a partir de novos lugares e também de novos sujeitos históricos que compõem a sociedade. O arquivo Edgard Leuenroth foi comprado em 1974 junto a sua família pela UNICAMP e funcionou durante quase dez anos de forma clandestina, pois abrigava uma documentação importante sobre e movimento operário e a esquerda brasileira. O arquivo funcionou no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas graças ao empenho dos professores e de dirigentes da Unicamp, foi possível a partir dessa documentação criar posteriormente um arquivo de história social.<sup>6</sup>

O CEDEM, Centro de Documentação e Memória da UNESP foi fundado a partir de núcleos de pesquisa de historiadores que tinham o objetivo de criar um centro de arquivos e de levantar documentações sobre a história da UNESP. O acervo do CEDEM desde outubro de 1996 encontra-se disponível para consulta e tem como característica a dedicação de grande parte do acervo a esquerda brasileira, destacam-se o acervos de Mario Pedrosa, do PCB, movimentos sociais diversos e do fundo Santo Dias objeto de minha pesquisa<sup>7</sup>.

O fundo Santo Dias pertencente ao Centro de Documentação e Memória da UNESP constitui talvez em um poucos dos casos de acervos no

---

<sup>6</sup> CAMARGO, Célia Reis. Preservação da Memória e pesquisa: a experiência do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) **In: SILVA, da Lopes Zélia (org) Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e persectivas.** Editora UNESP, São Paulo, 1999, p.66.

<sup>7</sup> CORREA, Anna Maria Martinez. Os Centros de Documentação e Memória da Unesp. O Centro de Documentação e Memória (CEDEM). **In: SILVA, da Lopes Zélia (org) Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e persectivas.** Editora UNESP, São Paulo, 1999,p.80-81.

Brasil dedicados a um único operário, os acervos pessoais geralmente tendem a reunir documentação de intelectuais, políticos, artistas ou mesmo militantes de esquerda, ou seja, mesmo os arquivos dedicados a classe operária tendem a abordar os personagens de forma coletiva, o acervo Santo Dias formado a partir da documentação reunida por seus familiares tem a importância de ser um acervo dedicado a um único operário e por isso valoriza a memória dos trabalhadores enquanto indivíduo e sujeito da história.

Nesse sentido o fundo Santo Dias apresenta uma nova perspectiva em relação a construção da memória coletiva e a legitimação de novos atores que também fizeram e fazem a história, o objetivo desse acervo não a idealização do personagem, mas perceber a partir dos fragmentos que constituem sua memória, silêncios, lacunas e construções ajudam a compreender parte importante da participação popular na resistência e difusão de espaços alternativos de democracia e organização social.

Através dos fragmentos de registros da vida simples de um trabalhador, encontrar peculiaridades e sutilezas do seu cotidiano que mesmo pequenas revelam aspectos brutais e desumanos que encontraram eco em grande parte da vida dos trabalhadores brasileiros.

O fundo Santo Dias é composto por uma documentação bastante diversa composta por fontes escritas, visuais, orais e materiais, toda documentação foi trazida e reunida pelos seus familiares, apesar que a maioria dos documentos são referentes ao período pós-morte de Santo dias e são fruto de movimentos sociais, do sindicato e da igreja. Abaixo demonstro apenas parte da documentação presente no Fundo Santo Dias no Cedem:

Entrevista transcrita com Ana Dias e Santinho esposa e filho de Santo Dias.  
Projeto de Lei de 05/11/1979 denominação de uma escola estadual do Jardim Guanambu com o nome de Santo Dias.  
Titulo gratuito de área de terreno no cemitério municipal Campo Grande em 23/10/1992.

Pronunciamento da deputada Maria Luiza Fontele na Assembléia Legislativa 09/11/1979.  
Pronunciamento na Câmara dos deputados em São Paulo sobre Santos Dias em 1979, feito pelo deputado Sergio Santos.  
Folha de São Paulo nos dias que antecederam e logo após o assassinato de Santo Dias.  
Colaboração para construção de moradia para a família de Santo Dias.  
Depoimento do padre Luis Giuliani sobre o Santo Dias da Silva.  
Projeto de produção de um filme sobre Santo Dias.  
Requisição de terreno no cemitério Campo Grande ao prefeito Mario Covas 15/07/1983.  
Estatuto Centro Santo Dias de Direitos Humanos.  
Justificativa na Câmara Municipal de São Paulo pela preservação dos restos mortais de Santo Dias enterrado no cemitério do Campo Grande.  
Certidão de óbito de Santo Dias da Silva.  
Artigo sobre Santo Dias feito pelo padre Luis Giuliani destinado ao folheto "O Povo de Deus".  
Jornal de Natal 1979, homenagem a Santo Dias.  
Pedido de trégua dos metalúrgicos da zona sul, após a morte de Santo dias em 1979.  
Comissão Pastoral Operária do ABC em 1979, convocação aos trabalhadores.  
Panfleto da Oposição Operária convocando os trabalhadores a luta pela memória de Santo Dias 1979.  
Panfleto convocando os metalúrgicos para greve de 1979.  
Panfleto do Comitê Santo Dias para organizar e continuar a luta do operário morto.  
Esquema de venda do disco Santo Dias.  
Sinopse do Filme "Caiu em Terra Boa", documentário sobre Santo dias.  
Instituto Popular de Educação "Santo Dias da Silva".  
Músicas sobre Santo Dias (Associação Santo Dias e CDDH da Arquidiocese de João Pessoa na Paraíba)  
Panfleto do Centro Social Santo Dias.  
Oração do povo trabalhador (Pastoral Operária do Brasil)  
Músicas sobre Santo Dias



Convocação dos estudantes da Usp para uma greve universitária em razão do enterro de Santo Dias.

Documentos pessoais de Santo Dias e de cursos feitos por ele.

Panfleto Movimento Custo de Vida.

Relação de correspondências de Santo Dias de 1962 a 1963.

Chapa da Oposição Sindical Metalúrgica após a morte de Santo Dias.

Acervo de áudio e fitas cassetes.

Fotos e imagens de Santo Dias (família, lutas e morte)

Ajuda e colaboração dos companheiros da empresa Metal Leve a família de Santo Dias.

A maior dificuldade em relação ao arquivo tem sido identificar na documentação os vários discursos que ajudaram a compor a memória de Santo Dias, para isso o primeiro é identificar o processo de reunião de toda a documentação e a constituição do acervo em si.

As contradições entre o personagem e as idealizações feitas por aqueles que ajudam a construir sua memória longe de serem entendidas como deturpações ou vícios devem ser acolhidas e problematizadas em si mesmas como parte da história e de seu contexto.

A memória individual, construída a partir das referências e lembranças próprias do grupo, refere-se, portanto, a “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Olhar este, que deve sempre ser analisado considerando-se o lugar ocupado pelo sujeito no interior do grupo e das relações mantidas com outros meios (HALBWACHS, 2004: p.55).

Dentro dessa perspectiva o estudo apresenta uma relação dialética entre sociedade e indivíduo na medida que pretende analisar a memória de Santo Dias a partir de sua experiência histórica e do legado constituído pelos movimentos sociais que ajudaram a construir sua memória.

Estudar a memória de Santo Dias da Silva significa também problematizar parte das experiências do personagem como também do

contexto que esteve inserido. Experiências estas que refletem anseios, objetivos e concepções políticas constituídas a partir da luta de trabalhadores e na construção de espaços e de práticas democráticas em uma época de autoritarismo e de repressão dos movimentos sociais.

Mas o historiador ao se deparar com determinada documentação encontra também inúmeros desafios que vão desde o processo de formação do acervo à interpretação dos fragmentos e lacunas que costumam ser praxis nesses arquivos e em pesquisas que envolvam a questão da memória.

A relação entre o historiador e seu objeto longe de idealizações pode ser entendida também como uma experiência histórica, já que o próprio historiador é um sujeito histórico. Nesse sentido ter como objeto de estudo a construção da memória de um operário é partilhar da experiência histórica desse indivíduo e daqueles que com ele conviveram.

A memória e a história são representações do passado e ambas estão ligadas ao presente e tem, portanto implicações no presente. A disputa pela memória também se traduz em uma luta política e ideológica que pode por ser travada pelo historiador mesmo que não seja essa sua intenção.

Mais do que isso, o que a emergência destas memórias vêm ocasionando, conforme aponta Pollak, é a disputa entre memórias ou a luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. Este embate que se trava pela incorporação destas memórias marginalizadas, silenciadas, é um embate pela afirmação, sobretudo, de uma identidade que, por pertencer a uma minoria, encontra-se marginalizada (POLLAK, 1989: pp. 3-15).

O historiador não é um elemento exógeno a sociedade, portanto qualquer que seja sua postura tem influências do meio social, ideológico, cultural e político em que está inserido. A busca por uma “ingênua

neutralidade” pode muitas vezes levar o historiador a uma perspectiva utilitarista e questionável quanto ao papel do social do historiador na sociedade atual.

...A história é objeto de uma construção cujo lugar não é homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras...<sup>8</sup>

Nas sociedades atuais a questão da memória vem sendo uma problemática constante das ciências humanas e biológicas. Em relação a história são crescentes os números de acervos, arquivos e sistemas de informação que trazem e são responsáveis por registrar as representações mnemônicas e rememorativas das sociedades.

Muito esforço, em vez disso, tem sido ainda dedicado a estabelecer fronteiras entre a História e a memória, o que só tem sentido não do ponto de epistemológico, mas tomando-se a memória ( e as diversas práticas de seu contexto) como objetos da análise e do entendimento do historiador. Em suma, já seria tempo e tem havido apelos nesse sentido de começar a fazer uma *História da memória*, que seria não apenas a história das teorias sobre a memória, mas se imbricasse nas práticas e representações mnemônicas e rememorativas das sociedades e grupos, incluindo seus suportes e estratégias de apropriação, tendências, móveis, conflitos, efeitos, reciclagens, etc... (MENESES, 1999, p.11)

Segundo Meneses tem havido um esforço de estabelecer uma separação entre a História e a memória, portanto, surge a possibilidade de constituir-se em uma História da memória, suas construções, apropriações e não apenas restringir-se a análise das teorias da memória.

---

<sup>8</sup> BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.229.

O objetivo de uma História da memória não é legitimar ou “resgatar” memórias perdidas, mas de analisar e problematizar a construção da mesma. Segundo Meneses a busca da identidade e de reivindicações através da memória tem levado cada vez mais especialistas a dedicarem-se ao tema. A historiografia mesmo contribuindo para construção da mesma, também exerce o papel muitas vezes de desconstrução da memória estabelecida, principalmente aquela constituída segundo os interesses de grupos dominantes.

É preciso lembrar que também não se trata de exaltar a memória dos dominados em contraposição a perspectiva dominante ou de procurar “a verdade a partir dos vencidos”, pois os discursos mesmo dos vencidos também contem construções, lacunas e silêncios que cabem ao historiador dialogar com esses vários discursos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. **A Fabricação do Imortal: Memória, História e Estratégias de Consagração no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco.1996.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas In: **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.229.

CAMARGO, Célia Reis. Preservação da Memória e pesquisa: a experiência do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL) In: **SILVA, da Lopes Zélia (org) Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e perspectivas**. Editora UNESP, São Paulo, 1999.

CORREA, Anna Maria Martinez. Os Centros de Documentação e Memória da Unesp. O Centro de Documentação e Memória (CEDEM). In: **SILVA, da Lopes Zélia (org) Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e perspectivas**. Editora UNESP, São Paulo, 1999.

**Fundo Santo Dias**. Centro de Documentação e Memória da UNESP (CEDEM) GAGNEBIN, Jeanne Marie.” Memória, História e Testemunho”, In: **Stella & NAXARA, Márcia ( org) Memória e ressentimento. Indagações sobre uma questão sensível**. Campinas : ED Unicamp, 2004 p. 85-94.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.  
MATOS, O. C. F. . Mal-estar na Universidade. Revista Carta Maior, São Paulo, 25 jun. 2009

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de Menezes. A crise da Memória, História e Documento: reflexões para um tempo de transformações In: **SILVA, da Lopes Zélia (org) Arquivos, Patrimônio e Memória, trajetórias e perspectivas**. Editora UNESP, São Paulo, 1999.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. Projeto História, nº 10, dezembro de 1996.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.